

Os Netos de Lobato

J. Roberto Whitaker Penteadó

Encontrar a criança interior é um fator de realização.- Jack Zipes

Escrevo esta última página da Marketing há quase 30 anos. É uma bela cifra, até como idade de gente.

Armando Ferrentini convidou-me a começar, em maio de 1979, com uma proposta duplamente irrecusável: dava-me um espaço nobre - e para eu escrever sobre o que quisesse, até sobre marketing.

Aqui nasceram dois livros, que - quando escritos - ganharam exatamente os nomes dos artigos que lhes deu origem: Marketing no Brasil não é Fácil (junho de 1979) e Os Filhos de Lobato (maio de 1982).

O primeiro foi uma coletânea de artigos, re-escritos e arranjados em capítulos, de forma a constituir uma espécie de tese - que teve seu modesto sucesso - tornando-me o pai de uma frase que virou citação.

O segundo foi mais sério: virou tese acadêmica e levou-me a estudar mais profundamente a influência da literatura infantil sobre a ideologia dos adultos. O livro Os Filhos de Lobato foi publicado em 1997, pela Editora Dunya e teve uma recepção generosa, por parte dos especialistas, levando-me a fazer parte do Pen Club do Brasil.

A sua proposta básica era de que o mundo maravilhoso do Picapau Amarelo e seus personagens teriam influído beneficentemente na formação ideológica e política de muitos adultos, que ocuparam (alguns ainda ocupam) posições de destaque no cenário nacional, em especial entre os anos de 1960 a 2000.

Embora, no processo, tenha extraído ampla evidência de que a influência existiu e podia ser detectada através de pesquisas de dados primários e secundários, fui muitas vezes cobrado, em relação aos resultados: se as boas idéias de Lobato encontraram terreno fértil, naquelas mentes jovens, em formação, por que o Brasil não melhorou? Ou ainda: o que dizer dos netos de Lobato: as crianças que são os nossos filhos (e que também já têm filhos) e que, agora, estão tomando posse dos seus lugares de comando, na sociedade brasileira?

Talvez venha, ainda, a escrever Os Filhos de Lobato - o Retorno... Enquanto isso não ocorre, entretanto, acho que há duas constatações a fazer, com base na história e experiência recentes.

A primeira delas eu já previa, no livro: o estilo e a apresentação da obra de ML não sobreviveram bem à evolução (?) das comunicações impressa e eletrônica (no que contribuíram a miopia e o imediatismo dos herdeiros do escritor e a precedência do entretenimento sobre o conteúdo, que é característica do grupo que, hoje, detem os direitos universais da obra).

A segunda, encontrei na dedicatória de outra obra ideologicamente importante: O Pequeno Príncipe. Nela escreveu Antoine de Saint-Exupéry, ao pedir perdão às crianças por dedicar o livro a uma pessoa grande, seu amigo Leon Werth: "todas as pessoas grandes foram, um dia, crianças (mas poucas se lembram disso)". Mesmo assim, S.-E. corrigiu a dedicatória, oferecendo o livro ao amigo, "quando era pequenino".

Também encoraja-me - até certo ponto - o fato de o autor ter escrito "poucas" em vez de nenhuma.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=90&ID=439>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**